

O COMUNISTA

ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos

PROPRIEDADE DO GRUPO EDITOR "O COMUNISTA"



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOSÉ RODRIGUES

Redacção e Administração RUA DO CONDE DAS ANTAS, 51 r/o

Composição e impressão TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 95 - LISBOA

E NÃO QUEREM SER BURROS...

A PROPOSITO

Oito dias levou *A Batalha* a congeimar na resposta a dar à exposição de factos que apresentamos em *O Comunista*, de 20 de Dezembro. E ao cabo saiu-se com esta miséria moral...

Pois *A Batalha*, de 28 de Dezembro, vem abespinhada comigo. Com razão? Sem razão? Com razão, evidentemente. Nada há de mais arreliado para uma criatura que quer passar por sã e escorreita do que aparecer alguém a pôr-lhe as puntalas à vela. E foi o que eu fiz. E' certo que empreguei para com a C. G. T. e *A Batalha* uma linguagem aspera. do feito de que já agora me não corrigirei por muito bem saber que é essa a unica linguagem a que os anos são sensíveis.

A's questões de facto por nós postas, *A Batalha* não respondeu como devia e tinha obrigação de fazer. Mas esta coisa de definir principios e de precisar objectivos é tarefa que excede as possibilidades de *A Batalha*.

Ela nega que tivesse defendido a democracia burguesa e parlamentarista.

Ora, para sua eterna vergonha e nossa justificação, vamos repetir o que dizia *A Batalha* em editorial de 13 do preterito:

"E' possível que pessoas ingenuas que vivem as coisas apenas superficialmente formulam esta pergunta: 'Que terão os sindicalistas que vêem com a dissolução do parlamento?' E nós, sem deixarmos de ser anti-parlamentaristas, sem deixarmos de afirmar que o parlamento exerce uma acção nociva aos interesses do povo, responderemos que temos alguma coisa que ver com a dissolução do parlamento, desde que essa medida em vez de beneficiar acerte a possibilidade de ficar profundamente as principiaes de liberdade, dando a um governo que militar que civil poderes ditatoriais mais perigosos do que os poderes ditatoriais da burguesia ditadorado pelos discursos da Camara dos Deputados.

O que é isto? Não é a defesa da democracia burguesa e parlamentarista? Mas vamos ao essencial. *A Batalha* que arreia solenemente com o P. C. P., diz que o Partido sou eu e só eu. E' talvez por isso que o P. C. P. a preocupa tanto. Verdade, verdade, o P. C. P. não tem ainda um quinto sequer dos efectivos sindicais confederados. Simplemente, o P. C. P. realizou o seu 1.º congresso há 50 dias apenas e a C. G. T. tem a sua origem mais recente no congresso realizado em 1909 na Sociedade de Geographia Portuguesa. Quatro anos que tornam velha e gasta uma força que nada é hoje, como se vai demonstrar, com factos, que é assim que se fala cá dete Jado:

	Em 1919	Em 1922	Em 1923
Operários confederados...	120.000	80.000	45.000

Trata-se de numeros redondos, evidentemente. E agora façamos o exame a Lisboa, que é o barometro mais elucidativo e infalível nestas questões:

	Em 1919	Em 1923
Sindicato dos Manufactores do Calçado.....	3.700	350
Sindicato da Construção Civil.....	12.000	2.400
Sindicato dos Metalurgicos.....	6.000	1.600
Sindicato dos Calzados.....	1.000	400
Sindicato dos Alfaiates.....	400	390

Não é preciso mais. A redução baixou a 50 por cento dos antigos efectivos sindicais.

Na provincia a situação não é melhor. Setubal, que foi um belo centro de acção operaria, não dá sinais de vida. Coimbra, uma das nossas cidades mais populosas, não tem vida sindical.

E' curioso assinalar o seguinte: o Sindicato dos Manufactores de Calçado de Lisboa, ao qual pertencem os chefes anarco-sindicalistas, está reduzido a menos de um decimo da sua população. Os da construção civil e da metalurgia, nitidamente berlinistas, accusam depressão até 26 e 18 por cento da sua antiga população. Os caixeiros e os alfaiates, que são moscovitas, accusam uma depressão bem menor, que não vai além de 65 e 42 por cento.

Ha sindicatos de Lisboa cuja população tenha aumentado? Ha. São precisamente aquelles que marcam mais accentuadamente a tendencia de Moscovo:

	Em 1919	Em 1923
Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército.....	1.500	1.850
Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha.....	1.100	1.250

Que *A Batalha* se atreva a demonstrar estes numeros se é capaz.

Porque é que succede assim? Porque é que *A Batalha* e a C. G. T. não só não conseguiram criar uma corrente de simpatia e de acatamento entre os técnicos e intellectuais como até exortaram o enotam todos os dias os operarios dos sindicatos? Porque as consciencias e as massas conquistam-se com ideas claras, precisas e definidas e *A Batalha*, porta voz da C. G. T., ofereceu-nos todos os dias o espectáculo vergonhoso das suas contradicções, da sua vacuidade, de mistura com artigos sobre a Garganha e os de Sousa que só ele, coitado, e o desgraçado do tipografo que compõe, tem a paciencia para ler.

Estamos em face duma Revolução que ha-de empolgar a Europa inteira. E o que nos diz *A Batalha* sobre os problemas do Amanhã? O que se pensa na C. G. T. sobre os problemas administrativo, judiciario, economico, financeiro, agrario, da distribuição, do seguro social, etc.?

Nada. Ha tempos lémos num editorial de *A Batalha*:

"— A nossa directriz? E' hoje a mesma que era hontem. Sonos pela li verdade contra a tirania, pela igualdade contra a desigualdade, pela solidariiedade contra o egoismo.

O que é que quer isto dizer? Que alimento intellectuel e revolucionario fornece este palavreado sêdico e bofo? E' desta falencia de objectivos que ninguém, com justiça, nos pode acusar. E é, sem a menor duvida, a preciação dos nossos objectivos que constitue a a razão do ser da nossa vitória sobre o anarco-sindicalismo.

O P. C. P. não sou eu só. Vamos citar alguns nomes de membros do P. C. P. que a *Batalha* tem obrigação de conhecer:

Nascimento Cunha, Sobral de Campos, Júlio de Mattos, Pinto dos Santos, Araújo Pereira, Adão Duarte, Dina Rocha, Beneditino dos Santos, José Curvo, Fausto Gonçalves, Rodrigues Loureiro, Vieira Bastos, Augusto Valdes, José M. M. Costa Junior, Gastão Sérgio, Felizardo Curvo, Manuel Rodrigues Dias Afonso, Ferreira Quartel, Teixeira Danton, Joaquim Godinho, Abel Pereira, Manuel d'Almeida, Joaquim Diamantino, José Gomes, ex-ferroviario, Leopoldo Calapez, Santos Chicarro, Augusto Miranda, Manuel Martins, Adriano Neto, Francisco Chagas, Joaquim Nogueira, Sebastião Trindade, Costa Mattos, Gues Junior, Ferreira de Sousa,

Alvaro d'Abreu, Armando Cardoso, Carlo Marques, José de Jesus Gabriel, José d'Almeida, Antonio Henriques, Armando Martins, Alberto Monteiro, Rodrigues Graça, Moita Amorim, Gracilo Ramos, Lucas de Carvalho, Ferreira Cabecinha, José Francisco Gonçalves, Avaciro Augusto, Alfredo Monteiro, José Soares, Ival Lavado, Heil Baptista, M. Guilherme d'Almeida, Julia Cuiabazar, José Sanchez, Neves Anacleto, Silva Oliveira, Miguel Quaresma, José Menezes, Cardoso Araujo, Diogo Bernardes e Jacinto Torcato.

Apontámos só nomes conhecidos e pedinos a *Batalha* que faça o mesmo. Isso, faz ela. A começar pelo Comité Confederal, teria de apresentar-nos illustres desconhecidos.

Mas, muito bem. O P. C. P. — diz *A Batalha* — é fraquito das pernas. E' tá certo. Falta de idade e nanja raquitismo adquirido de seus maiores. Não pagamos a ninguém para nos acreditar.

Eis um exame fiel da situação:

	Em 13 de Novembro de 1922
Comunas existentes.....	43
Federações comunas.....	1
Nucleos sindicais.....	5

	Em 31 de Dezembro de 1923
Comunas existentes.....	39
Federações comunas.....	2
Nucleos sindicais.....	5

	Aumento de filiações em Lisboa nos ultimos 45 dias.....	Aumento de filiações na provincia nos ultimos 45 dias.....
	26 %	43 %

Os trabalhos de organização em vista asseguram nos para fecho do mês corrente:

Comunas existentes.....	48
Federações Comunas.....	3
Nucleos sindicais.....	5

Dirão que tudo isto não é suficiente para fazer a Revolução. E nós concordamos. Simplemente, nós constatamos uma progressão constante e segura. E a C. G. T.? Essa decará dia a dia até se resolver a succeder o anarco-sindicalismo, cuja ineptia fica aqui patentemente demonstrada.

Mas a força e a influencia do P. C. P. não está simplesmente no que elle mostra mas precisamente no que elle ouzita. Creámos, neste pouco tempo de existencia, uma corrente de simpatia entre alguns tecnicos, corrente que vai avolumando. Engenheiros, medicos e professores illustres discutem connosco os problemas do Amanhã e dizem-nos sempre:—*Prossigam e contem connosco*. Por outro lado conseguimos já estabelecer contacto com os pequenos proprietarios da terra, com a cooperatio dos quais é inutil todo o esforço revolucionario entre nós. Estamos longe de stingir o termo do jornada mas absolutamente seguros da caminha que trilhamos. Temos tambem a nosso favor a ineptia e a intriga dos politicos, que nós, ao contrario do que faz a C. G. T., saberemos explorar.

Todavia, isto tudo seria ainda pouco. A verdade é que o P. C. P. é apenas uma seccão duma grande e poderosa Internacional que conta no seu activo a maior das Revoluções de todos os tempos. E o apoio, o estímulo, dignos tambem, as exigencias dessa Internacional, empurram-nos p'ra a frente. A Revolução russa é uma realidade não é uma promessa. E o anarco-sindicalismo faz-nos promessas, muitas promessas.

Emfim, *A Batalha* chama-nos alguns nomes feios, como industrial fa-

Os jornais burgueses tom-se largamente occupado duma revolução comunista na Iberia, bordando sobre o caso os mais fantasticos comentarios.

Não ha nada, por enquanto.

E, a este respeito, os jornais falam da impreparação do operariado para dirigir a maquina governativa.

Para nós o problema põe-se duma maneira diferente.

Ha, dentro das moldes politicos e economicos existentes, possibilidade de melhorar a situação colectiva?

Se ha, o estado actual de coisas mantem-se; se não ha, a Revolução proletariana impõe-o.

Ora o exame atento da situação leva a concluir que é impossivel toda a tentativa de salvação.

Em Portugal, não ha, como noutros países, uma crise capitalista, pela simples razão de que nunca houve entre nós um capitalismo no verdadeiro significado da palavra.

A concentraçao industrial, que é a mais notavel caracteristica do capitalismo, não se realizou entre nós de maneira sensivel. Os 75 000 operarios e empregados assalariados de Lisboa, que é a cidade que reúne maior numero, distribuem-se por mais de 6 000 empresas, o que dá uma media de 12 operarios e empregados por empresa.

A metalurgia conta mais de 180 officinas, em Lisboa, e a grãfia perto de 200. Somos um país bem caracterizado de pequena industria.

Na agricultura a situação exprime-se pela existencia de 11 milhões de predios rústicos e os districtos de Beja, Castello Branco, Evora, Portalegre e Santarem, onde predomina o latifundio, não albergam um quinto da população do continente. Somos tambem um país de pequena propriedade agraria.

Por consequencia, em Portugal, a catastrophe não se produzirá nas condições previstas por Carlos Marx, de quem, aliás devemos recolher todo o ensinamento para guia da nossa conduta.

A crise em Portugal é do Estado e dos partidos politicos.

Viu-se já que as classes dominantes foram incapazes de criar um verdadeiro capitalismo, foram incapazes de levar o país ao progresso tecnico desejavel e comparavel ao de outros países, como a Belgica, a Holanda, a Dinamarca, etc.

E cá estou, eu, reformado e decedente como dizem, para ir até ao fim. Sim, até ao fim, até á Revolução, de que vocês fogem como poltrões que são. Eu tenho a noção das minhas responsabilidades. Pregnei a Revolução quando elle era apenas um sonho. Tenho o dever de ir para ella, de a enfrentar, agora que ella é uma realidade, em vez de vamburra a rocha Tarpia em volta de Capitólio. Cobardes! E' dessa cobardia que eu não quero que me acusem e não me escusarão.

Não me atormenta a Revolução, com todos os seus problemas e difficuldades, porque — vá lá agora uma manifestação da mania das grandezas — porque sei o que quero e me sinto capaz de realizar alguma coisa. Desse lado, não se fala assim. Ditador? Não engeito o epíteto e absterrei assumir as responsabilidades inerentes. E não será preciso a todos nós viver muitos anos para se tirar a prova real.

O que não fez a iniciativa particular e o interesse individual, não o fez tambem o Estado.

E o que não foi feito até agora poderá fazer-se hoje?

Estamos em face duma situação financeira insolvel que tende dia a dia a agravar-se. Este ano economico fechará com um deficit não inferior a 600.000 contos. Não haverá outro recurso senão aumentar a circulação fiduciaria e a divisa cambial descerá da casa do 1. Termino a repressão deste estado de coisas no aumento dos preços e nas lutas pela conquista dos salarios.

Reconhecer-se-ha, uma vez mais, que nada disto resolve a situação e que é preciso sair-se do circulo vicioso, que é preciso romper com o direito historico da propriedade e orientar a produção no sentido do maior bem estar colectivo. A concentraçao e a intensificação do trabalho terão que operar-se não para interesse de alguns mas para usufruto de todos.

Esta obra só o proletariado a poderá realizar. Para realia a precisa de assenhurar-se do Estado e anular a influencia e implacavelmente a influencia da media burguesia e dos politicos seus aliados que dominam.

Para dar o assalto ao poder ele precisa sem duvida, dum minimo de preparação e de organização. E' esta a tarefa a realizar durante todo o ano corrente pelo Partido Comunista.

No entanto, após a situação nacional estar madura não o estando igualmente a situação internacional, pela qual teremos de condicionar a nossa attitude.

E o que esperamos vêr resolvido este ano. A Revolução na Alemanha é para nós um factor primordial. Ella arrastará uma agitação tremenda no resto da Europa e a queda da reacção fascista nos países latinos. E' o momento proprio para operarmos.

A classe operaria não tem nem periodo criar homens d'Estado neste periodo, que é o caso que se não cria fora da experiencia de poder.

De que ella carece é, alem da preparação doutrinar e da organização, de audacia e decisão revolucionarias para aproveitar todas as hesitações que se manifestem no campo contrario.

Primeiro, o poder politico; depois o resto.

L. Novais

Duma coisa me não ponde *A Batalha* acusar — de ter as mãos sujas. De facto, sou socio de dois sindicatos e doutras instituições proletarianas, onde pago regularmente as minhas cotas e dou trabalho e dos quais não recebo soldo. E' uma magnifica posição moral de quem tem todos os poderes vangloriar.

J. Carlos Rates

N. LENINE

Os comunistas e os camponeses

Preço 1\$50 — Pelo correio 1\$80

Pedidos a Mario Correia da Silva, rua do Conde das Antas, 51.



Estado democratico

Não ha dúvida de que um dos argumentos favoritos dos anarco-sindicalistas contra nós, os comunistas, é a defesa que fazemos da existencia do Estado, embora a título transitorio.

Quando chamamos a capital do anarco-sindicalista para a discussão neste terreno, eles começam por repetir os argumentos sediciosos de que nós usamos e abusamos nos tempos de menino e moço e em que a nossa tarefa era simplesmente destrutiva.

Quando chamamos a capital do anarco-sindicalista para a discussão neste terreno, eles começam por repetir os argumentos sediciosos de que nós usamos e abusamos nos tempos de menino e moço e em que a nossa tarefa era simplesmente destrutiva.

Quando chamamos a capital do anarco-sindicalista para a discussão neste terreno, eles começam por repetir os argumentos sediciosos de que nós usamos e abusamos nos tempos de menino e moço e em que a nossa tarefa era simplesmente destrutiva.

Quando chamamos a capital do anarco-sindicalista para a discussão neste terreno, eles começam por repetir os argumentos sediciosos de que nós usamos e abusamos nos tempos de menino e moço e em que a nossa tarefa era simplesmente destrutiva.

Quando chamamos a capital do anarco-sindicalista para a discussão neste terreno, eles começam por repetir os argumentos sediciosos de que nós usamos e abusamos nos tempos de menino e moço e em que a nossa tarefa era simplesmente destrutiva.

Quando chamamos a capital do anarco-sindicalista para a discussão neste terreno, eles começam por repetir os argumentos sediciosos de que nós usamos e abusamos nos tempos de menino e moço e em que a nossa tarefa era simplesmente destrutiva.

Quando chamamos a capital do anarco-sindicalista para a discussão neste terreno, eles começam por repetir os argumentos sediciosos de que nós usamos e abusamos nos tempos de menino e moço e em que a nossa tarefa era simplesmente destrutiva.

Quando chamamos a capital do anarco-sindicalista para a discussão neste terreno, eles começam por repetir os argumentos sediciosos de que nós usamos e abusamos nos tempos de menino e moço e em que a nossa tarefa era simplesmente destrutiva.

preciais para darem pareceres. E' uma complicação formidável, aniquiladora de todo o trabalho proveitoso.

Bem diferente é o Estado soviético. Este não conhece o cidadão mas unicamente o produtor. E' um organismo de classe e inconfundível por isso mesmo. E' na fabrica, na officina, no campo, que ele recruta os seus elementos constitutivos.

Por quanto tempo subsistirá este sistema nos países onde a Revolução triunfar?

Tanto quanto necessario até ao nivelamento das classes. Se ainda hoje, a 134 anos da Grande Revolução, nós tapamos aqui e alem com sobrevivencias do feudalismo, é admissivel que o Estado, perdendo cada vez mais os seus atributos autoritarios, á maneira que se forem anulando os antagonismos de classe, subsista por muitos anos ainda.

Todavia a nossa tarefa é anula-lo. E eis porque não somos comunistas autoritarios.

Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht

Comemorando o passamento destas duas gloriosas victimas da social-democracia e do nacionalismo alemão realisa-se no dia 14 do corrente, pelas 21 horas, no Centro Socialista de Lisboa, rua de Belformoso, 150, uma sessão de homenagem promovida pela Federação Nacional das Juventudes Comunistas.

Usarão da palavra: José Costa Junior, pela F. N. J. C.; Carlos d'Araújo, pela C. P. do P. C. P.; Abel Pereira pela F. C. L. e dr. Ramada Curto, pelo P. S. P.

A Comuna Rosa Luxemburgo, Beja, realisa tambem uma sessão comemorativa em que usará da palavra Armando Martins, Augusto Miranda e Manoel Martins.

Revolucionarios à força

Este Primo de Rivera é um patuaco duma graça imitável. Prender o Manuel Joaquim de Sousa e o Silva Campos como implicados num complot comunista, é coisa que só a ele lembra.

O M. J. de Sousa revolucionario perigoso, ela, coitado, que, apesar de ter sido sargento, nunca teve goito para esta coisa de combates e tumultos e que a esta hora deve ter inutilizado todos os pares de orelhas que levava na maleta!

A ditadura do proletariado

Ha, hoje em dia, no mundo, duas classes de homens: uma, a menos numerosa, dispondo do dinheiro, dispondo de terras, dispondo das casas de habitação; outra, a mais numerosa, dispondo apenas dos seus braços para trabalhar.

A primeira é a classe capitalista, a segunda a classe trabalhadora, o proletariado.

Aquilo que lê estas palavras conhece a vida de classe trabalhadora. Trabalhando de sol a sol ganha aquilo que os donos da terra lhe querem dar. Os filhos não toam pão, mas o patrão tem terras que, bem cultivadas, darão pão de sobra para toda a aldeia. Ele, porém, não as manda amarrar, porque aquelas que semeia lhe dão mais dinheiro a ganhar do que se semeasse todas as que possui.

E assim, empregando menos capital pois dá menos dinheiro a ganhar ao trabalhador, retira o mesmo ou ainda maior lucro.

A vida não vai boa para o trabalhador do campo.

Mas, não terá isto emenda? Porque é que, sendo a classe trabalhadora a classe mais numerosa, ela se deixa assim explorar, deixando ficar tudo como está?

O remedio aqui visto: Juntarem-se todos os trabalhadores do mundo e disserem aos seus senhores, aos seus patrões: «Basta! Vocês são o menor numero, nós a maioria.

Nós temos a força porque os soldados, mesmo, da classe trabalhadora saíram e não entrarão ao deixar a vida militar!

«Não queremos suportar por mais tempo a vida que levamos: Agora somos nós que mandamos. Não queremos dar-vos a mesma sorte que até hoje nos tendes dado. Queremos trabalhar, mas queremos vê-ros a trabalhar a nosso lado; queremos que a terra dê aquilo que pode dar e não apenas o que vósdes querem que dê.

«Naturalmente vósdes não quereis mudar de vida. Mas nós que temos a força do numero e que estamos armados, desarmar-vos-hemos, calaremos pela violencia os vossos protestos e só largaremos as armas no dia em que, de sob as ruínas da sociedade actual, tivermos erguido bela e indistritavel a Sociedade Futura.»

E é isto, meus amigos, a ditadura do proletariado.»

Augusto MIRANDA

"O COMUNISTA"

"O Comunista", inicia agora a sua publicação semanal, saindo regularmente aos sábados.

Fede-se a todas as organizações partidarias que fazem as suas convocações e comunicados no orgão partidario, devendo para isso enviá-las á redacção até quarta-feira.

Toda a correspondencia de redacção é enviada a J. Carlos Bates, Travessa do Tarajo, 3, Lisboa.

TRABALHO ARTISTICOS EN TODOS OS GENEROS LITOGRAFIA CRISTIANO DE CARVALHO R. DA ALEGRIA, 132--PORTO GALAMBA & RAMOS SAPATARIA Explicando Calçado PARA homem e senhora a preços reduzidos

OS MISERAVEIS A obra monumental de Victor Hugo, edição ilustrada, a tomas de 300 Brevemente O AUXILIO MUTUO de Pedro Kropotkin A PECADORA DA GALILEIA por René Emery Livraria Renascença Joaquim Carlos, Lda. Rua dos Poetas de S. Bento, 27 LISBOA Sapataria Lusitania Cadoso & Oliveira Calçado para homem, senhora e criança Encarrega-se de todos os trabalhos por medidas Empregam-se as melhores materias primas, nacionais e estrangeiras 28, R. Poetas de S. Bento, 28 -- LISBOA

A ELECTRICITY Instalações de luz electrica, motores, accensores, campainhas, para-raios, etc. Canalizações para agua e gas Fios nos melhores preços do mercado Tulipas ao preço da fabrica Grande sortido de candieiros de parede, de suspensão e portateis Esquentadores, ferros de engomar e todo o demais material electrico nas melhores condições R. N. do Almada, 16 -- LISBOA Telf. O. 5420

A COMERCIAL CHAPELARIA E SAPATARIA Antonio d'Oliveira 19, R. de São, 21 SECURBAL 88, R. Poetas de S. Bento, 88 Grande sortido de chapéus e calçado Preços reduzidos

ARCADIA DE PORTUGAL EDITORA, LIMITADA OFICINAS: Avenida 5 d'Outubro, O T Esta Empresa encarrega-se da execução de todos os trabalhos tipograficos, tais como: cartões de visita, envelopes, relatorios, jornais, livros, etc., por preços inferiores aos de qualquer outra empresa congénera e execução rapida e perfeita

MARIO CORREIA DA SILVA MECANICO Rua do Cande das Antas, 61 Encarrega-se do concerto de maquinas de escrever e de quaisquer outras Preços módicos

Sociedade Lusitana de Alimentação, Lda Telf. 4110 Mercadorias por atacado e por meudo Especialidade em champagnes, licores e vinhos do Porto 68, 66, Rua 20 de Abril, 68, 71 LISBOA Valerio, Lopes & Ferreira, Lim.ª FERRAGENS E FERRAMENTAS Metais, catalanias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras, guarnições para movéis Chapa ferro preto e zincada Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balancetes, vassos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc. Telf. Rua 20 de Abril, 68, LISBOA 84, R. de Amparo, 86 -- LISBOA